

A FORMAÇÃO INICIAL DO PROFESSOR DE LÍNGUA ESPANHOLA NO CONTEXTO ATUAL

Maria Beatriz de Souza Almeida Delduque

Professora de Língua Espanhola na UNIUBE e Mestranda em Educação pela UFTM
beatriz.tcc@hotmail.com

Linha do trabalho: Formação inicial de professores

Resumo: o artigo caracteriza-se como um estudo bibliográfico e tem como objetivo geral refletir acerca da formação inicial do professor de Língua Espanhola no contexto atual. Como objetivo específico pretende-se investigar os saberes e as práticas que devem ser enfatizados nessa formação. A pergunta norteadora é: Como se configura a formação inicial do professor de língua espanhola no contexto atual? Que saberes devem ser enfatizadas nessa formação?

Palavras-chave: Formação. Professor. Língua Espanhola.

1- INTRODUÇÃO

A partir de 1991 com a formação do MERCOSUL (Mercado Comum do Sul) e a inclusão desse idioma em provas de vestibulares em 1995, o interesse dos estudantes por esse idioma aumentou. Para Sedycias (2005, p.18) “a situação do espanhol no início do século XXI no Brasil é de bonança, de auge e de prestígio”, essa situação vivida pelo idioma, demandou cursos de formação de professores para atender a demanda das escolas públicas e privadas

Em agosto de 2005, o então Presidente da República Luís Inácio Lula da Silva, promulgou a lei 11.161, cujo objetivo foi incluir a língua espanhola a partir do ensino médio nos currículos das escolas públicas e privadas de todo o país.

A Promulgação dessa lei ajudou a consolidar o estudo desse idioma em escolas públicas e privadas. Para que o professor de língua espanhola atue como docente nessas escolas, é necessário ter a formação em Letras Português/ espanhol na modalidade presencial e a distância, sendo necessário seu reconhecimento pelo MEC (Ministério da Educação).

Portanto a formação de professores de língua espanhola é responsabilidade das instituições de ensino superior. De acordo com Fiuza (2013) antes da promulgação da lei 11.161 da obrigatoriedade da língua espanhola no contexto educacional brasileiro existiam somente 50 universidades que se dividiam entre públicas e privadas que

ofertavam o curso de licenciatura em espanhol, mas após a lei esse número aumentou de maneira significativa, passando para 170 universidades entre públicas e privadas.

2- O papel das universidades na formação do professor de espanhol

As instituições de ensino devem estar atentas às orientações das Diretrizes Curriculares para o Curso de Letras. Essas orientações apontam que as instituições responsáveis pela formação desses profissionais devem privilegiar o domínio da língua estudada e suas culturas, para que esses profissionais possam atuar como professores, pesquisadores, críticos literários, tradutores, intérpretes, revisores de textos, roteiristas, secretários, assessores culturais, entre outras atividades. O curso deve proporcionar o desenvolvimento das seguintes competências e habilidades:

- domínio do uso da língua portuguesa ou de uma língua estrangeira, nas suas manifestações oral e escrita, em termos de recepção e produção de textos;
- reflexão analítica e crítica sobre a linguagem como fenômeno psicológico, educacional, social, histórico, cultural, político e ideológico;
- visão crítica das perspectivas teóricas adotadas nas investigações linguísticas e literárias, que fundamentam sua formação profissional;
- preparação profissional atualizada, de acordo com a dinâmica do mercado de trabalho;
- percepção de diferentes contextos interculturais;
- utilização dos recursos da informática;
- domínio dos conteúdos básicos que são objeto dos processos de ensino e aprendizagem no ensino fundamental e médio;
- domínio dos métodos e técnicas pedagógicas que permitam a transposição dos conhecimentos para os diferentes níveis de ensino. (PARECER CNE/CES 492/2001, p.30).

Como podemos observar a formação do professor de Línguas, exige aquisição de competências e habilidades que contribuem para uma boa atuação desse profissional.

O estudo da língua espanhola em cursos de licenciatura não deve limitar-se apenas à aspectos linguísticos, deve possibilitar também o estudo dos aspectos culturais e didático-pedagógicos. Celada e Rodriguez (2004, p138), ressaltam a importância da reflexão do papel da língua que se estuda e das comunidades que a falam em sua complexa relação com o mundo em geral, com o nosso próprio espaço e a nossa própria língua.

O contato com o estrangeiro, com a diferença, provoca inevitáveis deslocamentos em relação à nossa língua materna para chegarmos às novas formas de “dizer” na língua estrangeira. Por isso, Goettenauer (2005, p.64) salienta que a formação de professores de língua espanhola, além de engrandecer e ao mesmo tempo valorizar o conhecimento linguístico, deve estabelecer uma relação entre as culturas de língua estrangeira e nossa língua nativa.

De acordo com Fernández (2005, p.107) é indispensável que o professor brasileiro de espanhol não perca contato com a cultura de sua língua materna, para que suas ações pautem pela autenticidade. Quando pensamos em nossa língua materna, não podemos deixar de mencionar um aspecto importante que os professores em cursos de licenciatura devem lidar ao preparar seus alunos que é a questão da proximidade entre essas duas línguas.

Para Alcaraz (2005) a semelhança entre as línguas portuguesa e espanhola decorre da origem comum que possuem ambas neolatinas que se aproximam muito uma da outra, porém embora essa proximidade possa ser um ponto facilitador da aprendizagem, também pode dificultá-la, porque esse quase falar, essa facilidade que o falante de espanhol experimenta ao produzir a palavra mostra uma outra face que é facilidade enganosa e do conhecimento movediço. Sobre isso Celada (2002) nos diz que:

Durante muito tempo ela ocupa o lugar de uma língua que, por ser “muito próxima” do português, era fácil, sendo seu estudo não necessário. Nesse sentido, o imaginário a través do qual o brasileiro se relacionou com essa língua pode ser representado por meio da seguinte sequência: “espanhol – língua parecida – língua fácil”. O efeito de proximidade dado pela específica relação entre as materialidades das duas línguas de origem latina – espanhol e português do Brasil – contribuiu a produzir um “efeito de transparência” que se associou ao referido menosprezo da necessidade de submeter-se ao estudo da língua espanhola (...) Em síntese e de uma forma geral, podemos dizer, com relação ao estatuto dessa língua no Brasil, que lhe era suposto um saber e, por isso, o enunciado possível na boca de não poucos brasileiros, até o início da década de 90 era : “estudar espanhol? ! Precisa mesmo?” (CELADA 2002, p. 31-32).

Atualmente esse discurso ainda é pronunciado por pessoas que mesmo não tendo conhecimento do idioma, tem a certeza de que podem “falar espanhol”, e isso resulta em uma prática bastante comum que é o “portunhol”, palavra que designa a mistura de termos do Português e do Espanhol pronunciada erroneamente por aqueles que costumam afirmar que o espanhol é um idioma muito fácil.

Abordar essa crença por parte das pessoas que acreditam que a língua espanhola não demanda aprendizagem, porque é muito fácil, torna-se importante na formação do professor de língua espanhola, porque os futuros professores podem ter que lidar com alunos que possuam esta visão equivocada, e isso, pode interferir no processo de ensino e aprendizagem.

As orientações Curriculares Pedagógicas para o Ensino do Espanhol (2006) sugerem alguns princípios gerais no ensino do idioma que permitam aos docentes:

- a) realizar uma reflexão criteriosa acerca da função da língua espanhola na escola regular;
- b) estabelecer os objetivos realizáveis, considerando-se as peculiaridades regionais, institucionais e de toda ordem de cada situação de ensino, e das relações entre os universos hispânicos e o brasileiro, em toda a sua heterogeneidade constitutiva;
- c) selecionar e sequenciar os conteúdos temáticos, culturais, nacional e gramaticais para a consecução dos objetivos propostos; e
- d) definir a linha metodológica e as estratégias mais adequadas tendo em vista tanto o processo de ensino e aprendizagem quanto os resultados que se pretende alcançar e de acordo com isso, fazer a escolha do material didático adequado para a abordagem e estabelecer critérios de avaliação condizentes com suas escolhas e plausíveis nessa situação. (ORIENTAÇÕES CURRICULARES PEDAGÓGICAS PARA O ENSINO DO ESPANHOL (2006, P. 145)

Para que o professor de língua espanhola seja capaz de atuar seguindo essas orientações, sua formação inicial é fundamental, principalmente quando pensamos na heterogeneidade da língua espanhola.

Essa heterogeneidade se deve principalmente ao grande número de falantes desse idioma, de acordo com o Instituto Miguel de Cervantes (2014) quase 470 milhões de pessoas em (22 países) tem a língua espanhola como língua materna e se incluimos os falantes de competência limitada e os estudantes de espanhol como língua estrangeira esse número supera os 478 milhões de pessoas, podendo chegar aos 540 milhões.

Devido à amplitude no uso deste idioma, a variação linguística é um fator importante a ser considerado no ensino da língua espanhola como língua estrangeira. O professor nesse sentido assume o papel de conscientizar seus alunos acerca da heterogeneidade desse idioma. Fairwather (2013) nos aponta que:

Ensinar uma língua não é só ensinar um conjunto de regras gramaticais e usos sintáticos, pragmáticos y lexicais, a este ensino deve-se incluir o trabalho de expor os elementos culturais que vão unidos a esta língua, é preciso suscitar apreciação à diversidade de povos que a chamam sua e que a enriquecem a cada dia (FAIRWEATHER, 2013, p. 7)

Devido ao grande número de falantes essa língua converte-se em um importante instrumento de comunicação oportunizando a quem a aprende o conhecimento de múltiplas culturas. Com isso, entendemos a importância dos momentos de reflexão nos cursos de licenciatura em Letras, acerca de como ensinar o espanhol e não qual espanhol ensinar. Essa língua de encontros da diversidade, da heterogeneidade que une a diversos povos e culturas, que embora possuam suas identidades e particularidades se entendem falando o mesmo idioma.

3- A PRÁTICA NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE ESPANHOL

Por tradição, a formação do professor tem reforçado a concepção de que haveria um momento destinado à teoria e outro à prática”, como se elas estivessem dissociadas.

Quando consideramos a prática na formação inicial do professor de língua espanhola no curso de letras, pensamos no estágio supervisionado, como algo que irá oportunizar aos futuros professores a reflexão, o pensar metodológico e um pouco da vivência na sala de aula, que irão contribuir de maneira significativa para a construção de um fazer pedagógico próprio, em busca de sua identidade profissional.

Ao abordar e discutir acerca das questões da identidade profissional do professor e os saberes docentes Pimenta (2000, p.18) ressalta que existe uma fragmentação e desarticulação entre os saberes da experiência, do conhecimento e pedagógicos em cursos de formação de professores. A autora entende que “esses cursos devem mobilizar os conhecimentos da teoria da educação e da didática necessários à compreensão do ensino como realidade social”. É importante que essa didática seja crítica,

Boessio (2003, 52) referência ao pensamento de Ferry (1997) reflete que:

(...) na formação são necessárias três condições: lugar, tempo e relação com a realidade. É preciso que haja o espaço e o tempo na aula universitária para a reflexão, bem como o “fazer em terreno”, (como denomina), isto é, nesse caso, na escola, e o distanciamento dessa realidade para poder refletir. (BOESSIO 2003, p.52)

Essa prática refletiva é importante para entender que a formação deve ser articulada no espaço da sala de aula da universidade e também no espaço onde ela se

concretiza que é a escola. Nesse sentido, Boessio (2003, p.52) ressalta “a importância de que a articulação entre teoria e prática perpassasse todo o processo de formação inicial; que o futuro docente tenha inserção na escola, e que a escola possa também interagir com a universidade”.

É importante ressaltar que essa interação que irá propiciar a relação entre teoria e prática deve ser revista sempre com uma visão reflexiva, e uma das formas de revê-la, é com a escrita do relatório de estágio. Ferry (1997) reflete que o estágio que realizam os professores em formação em instituições de ensino só terá valor, se esse aluno na universidade tiver a oportunidade de retomar a experiência, para descrevê-la e analisá-la, revendo a situação problema em que esteve envolvido.

Tudo isso nos faz refletir acerca do pensamento de Bolzan (2007) que diz:

O objetivo primeiro da formação de professores não deve ser apenas o de ensinar os alunos e professoras a ensinar, e sim ensinar-lhes a continuar aprendendo em contextos escolares diversos. Isso inclui refletir sobre a prática pedagógica, compreender os problemas de ensino, analisar os currículos escolares, reconhecer a influência dos materiais didáticos nas escolhas pedagógicas, socializar as construções e trocar as experiências de modo a avançar em direção a novas aprendizagens, num constante exercício de uma prática reflexiva, colaborativa e coletiva (BOLZAN, p.112).

Quando os alunos se envolvem com a prática da sala de aula em instituições de ensino, eles fazem importantes descobertas para a construção de suas próprias práticas. Por isso ressaltamos a importância da relação entre teoria e prática na formação inicial dos professores de língua espanhola.

4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

A língua espanhola tem uma importância significativa no contexto educacional brasileiro. Após a promulgação da lei 11.161 em 2005, esse idioma ganhou espaço nas escolas pública e privadas em todo país, com isso, a formação inicial dos professores de língua espanhola ganha cada vez mais espaço nas universidades públicas e privadas, essa formação se dá em contextos formais de aprendizagem em Instituições de ensino superior nos cursos de licenciatura em Letras com habilitação em português espanhol, e suas respectivas literaturas.

Entendemos que essa formação demanda além dos conhecimentos linguísticos, culturais, didático-pedagógicos e metodológicos, uma reflexão acerca da diversidade e heterogeneidade do idioma, devido ao grande número de pessoas que o compartilham

como língua materna, considerada língua de encontros, da diversidade e da heterogeneidade que une a diversos povos e culturas.

Outro aspecto a ser valorizado na formação dos professores de espanhol é a relação entre a teoria e a prática, de forma reflexiva e dinâmica com a participação de professores, alunos, escola e comunidade, além da universidade, que deve promover momentos constantes de reflexão sobre essas práticas e os conhecimentos teóricos advindos dos estudos da língua e sobre a língua.

REFERÊNCIAS

ALCARAZ, Rafael Camorlinga. **Do português ao espanhol: os prós e os contras da proximidade**. In: SEDYCIAS, João. (Org.). O Ensino do Espanhol no Brasil: passado, presente, futuro. São Paulo: Parábola Editorial, 2005, p. 195-205. .

BOESSIO, Cristina Duarte. **Práticas docentes com o ensino da língua espanhola nas séries iniciais**. Jaguarão: Fundação Universidade Federal do Pampa, 2011. 264 p.

Disponível em:

<<https://books.google.com.br/books?id=rkMKLKMweSIC&pg=PA53&lpg=PA53&dq=saberes+docentes+no++ensino+de+l%C3%ADngua+espanhola>> Acesso em 25 de janeiro de 2016

BOLZAN, Doris Pires Vargas. **O conhecimento pedagógico compartilhado e a aprendizagem docente: elementos constituintes dos processos formativos na Educação superior**. Políticas Educativas, Campinas, SP, v. 1, n.1, p. 69-79, out. 2007.

CELADA, M.T.; RODRIGUES, F.S.C. &. **El español en la enseñanza superior en Brasil**. São Paulo. 2004.

CELADA, Maria Teresa. **O espanhol para brasileiros: uma língua singularmente estrangeira**. Tese apresentada ao Curso de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas para a obtenção do título de Doutor em Linguística.

FAIRWEATHER, Eden. **Las actitudes de profesores de español como lengua extranjera (ELE) hacia las variedades dialectales del español**. Final Master Thesis. Tese de Doutorado. Universidad de Estocolmo em 2014. Disponível em:

<http://su.diva-portal.org/smash/get/diva2:639907/FULLTEXT01.pdf> Acesso em 20 de janeiro de 2015.

FERNÁNDEZ, Francisco Moreno. **El español en Brasil**. In: SEDYCIAS, João. (Org.). O Ensino do Espanhol no Brasil: passado, presente, futuro. São Paulo: Parábola Editorial, 2005, p. 14-34.

FERRY, G. **Pedagogía de la formación**. Buenos Aires: Novedades Educativas. 1997. In: BOESSIO, Cristina Duarte. Práticas docentes com o ensino da língua espanhola nas séries iniciais. Jaguarão: Fundação Universidade Federal do Pampa, 2011. 264 p.

Disponível em: < <https://books.google.com.br/books>> Acesso em 25 de janeiro de 2016.

FIUZA, Ana Cristina Borges. **História de formação de professores de língua espanhola: caminhos formais e não formais**. Dissertação de Mestrado ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos - Universidade Federal de Uberlândia. 129f. 2013

GOETTENAUER, Euzimar. **Espanhol: língua de encontros**. In: SEDYCIAS, João. (Org.). O Ensino do Espanhol no Brasil: passado, presente, futuro. São Paulo: Parábola Editorial, 2005, p. 61-70.

INSTITUTO CERVANTES. **El español: Una Lengua Viva**. Informe 2014. Edición digital. Departamento de Comunicación Digital del Instituto Cervantes NIPO: 503-14-026-8 Disponible en:

<http://eldiae.es/wp-content/uploads/2014/07/El-espa%C3%B1ol-lengua-viva-2014.pdf>.

Acesso em 05 de dezembro 2015.

Orientações Pedagógicas para o Ensino do Espanhol: **sobre teorias, metodologias, materiais didáticos e temas afins**. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2006. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.pdf Acesso em 24 de janeiro de 2016.

PIMENTA, Selma G. **Saberes pedagógicos e atividade docente**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

Resolução CNE/CP 2/2002. Diário Oficial da União, Brasília, 4 de março de 2002. Seção 1, p. 9. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CP022002.pdf>. Acesso em 10 de janeiro de 2016.

SEDYCIAS, João (Org.) **Ensino do espanhol no Brasil: passado, presente, futuro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.